

Interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX e suas perspectivas a partir da análise de textos seletos de Ellen G. White¹

Cultural interactions between Europe and the United States in the nineteenth century and its prospects from the analysis of selected texts from Ellen G. White

*Fábio Augusto Darius**

Resumo

Enquanto na Europa da segunda metade do século XIX - principalmente na França - intelectuais da categoria de Jules Michelet, Ernest Renan e Hippolyte Denizard Rivail, dentre muitos outros, produziam obras monumentais que seriam estudadas até nossos dias, a América do Norte - ainda sob forte influência vitoriana - procurava construir sua identidade. Os Estados Unidos, jovem nação, culturalmente dependente da Inglaterra, era um Estado majoritariamente agrário e fortemente influenciado pelo protestantismo puritano. Nesse contexto, uma mulher frágil e negra, Ellen White, escreveu, ao longo de setenta anos, mais de cem mil páginas manuscritas - sem o intelectualismo dos franceses - mas com profundidade digna de nota, sobre assuntos aparentemente tão díspares como psicologia, educação, religião e regime alimentar. O objetivo do presente trabalho é,

¹ Recebido em: 01/05/2012. Aprovado em: 30/07/2012.

* Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, na área de Teologia e História. Possui mestrado nessa mesma instituição e graduação em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006/2). Professor de Filosofia e História no Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul. Contato: augustodarius@gmail.com

sucintamente, analisar poucas linhas da obra holística de Ellen White a partir do contexto de sentido de sua época e propor relações entre a produção europeia (francesa) do período e sua obra.

Palavras-chave: *Cultura. História. Humanidades. Ellen White.*

Abstract

While in Europe during the second half of the nineteenth century - especially in France - intellectuals as Jules Michelet, Ernest Renan and Hippolyte Rivail Denizard, among many others, produced monumental works that would be studied to this day, North America - still under strong Victorian influence - was looking to build its identity. The United States, a young nation, culturally dependent on Britain, was predominantly an agrarian State and strongly influenced by Puritan Protestantism. In this context, a frail, black woman, Ellen White wrote over seventy years, one hundred thousand manuscript pages - without the intellectualism of the French - but with remarkable depth on subjects as seemingly disparate as psychology, education, religion and diet. The purpose of this work is to analyze a few lines of the holistic work of Ellen White from the context of a sense of her time and propose relations between the European production (French) for the period and her work.

Keywords: *Culture. History. Humanities. Ellen White.*

Introdução

O presente artigo, como exposto em seu título, intenciona, primordialmente, buscar por pretensas interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX a partir de apontamentos e observações de uma estadunidense daquele período. Incidentalmente, objetiva propor, a partir de então - sob um viés principalmente denominacional - perspectivas para a contemporaneidade. Sob o ponto de vista metodológico, utilizar-se-á o gênero historiográfico conhecido como micro-história a partir de recorte temporal da vida de Ellen White, escritora estadunidense, negra, da região da Nova Inglaterra, que ao longo

de quase noventa anos de vida escreveu (entre dezembro de 1844 e 1915 – ano de sua morte) mais de cem mil páginas manuscritas sobre os mais diversos e às vezes controversos temas, ainda que sob uma moral vitoriana², abrangendo escatologia, religião prática, saúde, estilo de vida e educação.

Apesar de tão prolífica carreira, Ellen White³ é ainda pouco conhecida fora do círculo denominacional protestante dos adventistas do sétimo dia, instituição por ela co-fundada na década de 1860, talvez exatamente por este motivo: ser vista como uma mera líder religiosa, como tantas outras mulheres nos Estados Unidos do século XIX. Mas há ainda uma outra possível causa, associada à primeira: o fato de ela ter sido apedrejada antes de completar 10 anos de idade, interrompendo abruptamente seus estudos e não sendo permitido a ela retomar formalmente sua educação, a tornou uma escritora vista como antagônica à academia, inclusive pelo tom de alguns de seus escritos específicos (WHITE, 1899, p. 102)⁴. Apesar desses fatos, a obra whiteana, embora dialética e assistemática, é teleológica e visa eminentemente à redenção humana. É sob este viés professadamente redentivo e, para além da religião, também libertador, que seus escritos integram educação física, mental e moral, constituindo corpo privilegiado de conhecimento vivencial.

Eis, portanto, o motivo paradoxal para a escolha de Ellen White como personagem privilegiada para propor esta possível interação entre a Europa e os Estados Unidos de sua época: ela não foi uma arguta pesquisadora acadêmica, desconhecendo em grande medida a filosofia europeia legada aos Estados Unidos

² Indubitável e paradoxalmente, Ellen White foi uma mulher vitoriana, vivendo conforme os ditames de sua época e ainda assim, uma adventista do sétimo dia, cuja missão evangelizadora estava quase sempre acima dos domésticos. Ela englobava as virtudes da mulher vitoriana, que, de acordo com Bárbara Welter, eram “piedade, pureza, submissão e domesticidade. Misture tudo e elas formarão as palavras mãe, filha, irmã, esposa – mulher. Sem elas, não importava a fama, a realização ou a riqueza, tudo são cinzas. Com elas, havia a promessa de felicidade e poder”. (Welter, 1966, p.151)

³ Para uma boa primeira leitura introdutória, sugiro: White (1940), bem como Land (1987), Douglass (1998) e Knight (1998).

⁴ “Como eu vejo as prateleiras empilhadas com histórias antigas e outros livros que nunca são vistos em, eu acho, por que gastar o seu dinheiro naquilo que não é pão? Nós não precisamos de sabedoria antiga nos dizer as coisas que devemos saber agora, apenas agora”.

– como grande parte dos estadunidenses de seu tempo⁵ – e tampouco foi uma voraz defensora do nacionalismo patriótico e mesmo da federação como algo “sagrado”⁶. Ainda, ela ajudou a dar forma a uma das primeiras instituições religiosas estadunidenses⁷. Dessa forma, sem o saber, personificou a imagem de uma cidadã que viveu entre dois mundos separados pelo Atlântico, vendo a si mesma como uma reformadora entre a “filosofia e o liberalismo”⁸ – criticando ao mesmo tempo o novo “American Way of Life” e a radicalização racional europeia e tentando, entre esses dois sistemas, buscar um equilíbrio possível.

1 Estados Unidos e França no século XVIII e XIX sob a pena crítica de Ellen White: apontamentos primários

Em 1801, primeiro ano do século, visto por muitos como o arauto da “plenitude dos tempos”⁹, dois países do mundo considerado civilizado estavam vivendo processos históricos diferentes, mas não excludentes. A França pós-Revolucionária sob o comando de Bonaparte, no Velho Mundo, um ano antes fundara o Banco da França e assinara o Tratado de Badajoz,

⁵ “Creio que não há, no mundo civilizado, país em que o povo se ocupe menos de filosofia do que os Estados Unidos. Os americanos não têm escola filosófica própria e preocupam-se pouquíssimo com todas as que dividem a Europa. Mal sabem o nome delas”. (Tocqueville, 2004, p. 3).

⁶ Acerca de sua formação acadêmica inexistente, ao longo de sua vida, como se perceberá no presente texto, ela buscou, de forma autodidata e sob o auxílio de colaboradores próximos, sanar essa lacuna. Em 1915, ano de sua morte, sua biblioteca contava com mais de 1500 obras.

⁷ Conforme Bloom (1994).

⁸ “O progresso da reforma depende de um reconhecimento claro da verdade fundamental. Enquanto, por um lado, o perigo espreita em uma filosofia estreita e uma ortodoxia, dura e fria, por outro lado há um grande perigo em um liberalismo descuidado.” (White, 1942, p. 129).

⁹ Embora o termo “plenitude dos tempos” possa parecer exagero, o racionalista Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec, assim compilou em sua Revista Espírita, de agosto de 1867: “Oh! quanto a face do mundo será mudada para aqueles que verão o começo do século próximo!...Quantas ruínas verão atrás de si, e que horizontes esplêndidos se ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão os cantos de alegria; após as abrirão diante deles!... isso será como a aurora pisoteando as sombras da noite;... as angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o vigésimo século será um século bendito, porque verá a era nova anunciada pelo Cristo.” (Kardec, 1999, p.173.). De acordo com Hobsbawn (2000, p. 351) “de fato, às vezes chegaram a pensar que essas conquistas não eram impressionantes, mas também finais”.

pondo fim às hostilidades entre Espanha e Portugal incitadas no âmago da guerra hegemônica entre França e Inglaterra pelo domínio majoritário do planeta¹⁰.

Além disso, um documento importante foi assinado: a Concordata de 1801, a 15 de julho, celebrada entre ele, Napoleão I, e Pio VII, restaurando o catolicismo naquele país e tornando o próprio papa arcebispo de Lyon, no ano seguinte. A importante carta não poderia reestabelecer por completo a religião na França. Afinal, poucos anos antes, em 1798, “um exército francês entrou em Roma, fez o papa prisioneiro, vido este a morrer no exílio.” (White 1950, p. 266). Portanto, as feridas ainda estavam abertas, para citar apenas esse exemplo. Depois dessa data até pelo menos 1929, com o Tratado de Latrão, a hierarquia papal não obteria o poder de outrora.

De acordo com a visão cristã protestante de Ellen White, a Revolução Francesa simplesmente não foi senão uma grande guerra contra a Escritura Sagrada, iniciada séculos antes pela opressão de Roma. Os rumos que aquele país tomou deveriam ser estudados como exemplo a nunca ser seguido. Para ela “quando a França rejeitou a dádiva do Céu, lançou as sementes da anarquia e ruína e a inevitável operação de causa e efeito resultou na Revolução e no Reinado do Terror” (White 1950, p. 230). Toda a sua obra, incluindo de forma especial a historiográfica, é baseada no grande conflito cósmico entre duas formas antagônicas, cujo grande campo de batalha é a Terra. Contudo, essa restrita visão evangélica teologicamente antitética à liberal – em voga em sua época – em Ellen White é respaldada por alguns dos mais prestigiados escritores e historiadores europeus da religião, como o escocês criador do romance histórico Sir Walter Scott (apesar de ela definitivamente não ver com bons olhos o movimento romântico¹¹), o historiador da

¹⁰ Para maiores esclarecimentos e profundidade, vide: Scott (1928), especialmente os capítulos XXX e LI.

¹¹ White (1942, p.251): “Aqueles que tomam um prazer melancólico em tudo o que é triste no mundo natural, que optaram por olhar para as folhas mortas ao invés de recolher as flores vivas, que não vêem beleza em grandes montanhas e nos vales vestidos de verde vivo [...] - estes não estão em Cristo”.

religião, presidente da Escola Teológica de Genebra J. H. Merle D'Aubigné [citado ao menos uma vez por Stendhal pela boca de Julien Sorel em sua obra "Le Rouge et le Noir"] e o escocês James A. Wylie, ministro presbiteriano e autor da famosa obra *History of Protestantism*. No livro "The Great Controversy Between Christ and Satan", base da história eclesiástica e escatológica para os adventistas do sétimo dia, publicado pela primeira vez em 1888, Scott é citado 21 vezes, D'Aubigné, 45 e Wylie, 35. Particularmente, as citações entremeadas dos três constituem a fonte histórica privilegiada para composição desse vasto livro, considerado capital em sua bibliografia¹².

Percebe-se na referida obra que, apesar de Ellen White não ab-rogar seu cristianismo ao mesmo tempo puritano e anabatista (legado europeu) e congregacionalista com características marcadamente estadunidenses, ela prefere optar completamente pela historiografia religiosa europeia para escrever a sua própria, ainda que seus autores não concordassem com a totalidade de suas crenças denominacionais. Dessa forma, ela aliou o já há muito assentado intelectualismo europeu como fonte primária que atesta sua própria visão de mundo, nova, mas tipicamente americana e cada vez mais distante da religião europeia, e toda a sua intransigência. Eis, portanto, uma importante interação cultural legada dos europeus à constituição de uma denominação que praticamente não existe em grandes porções da Europa contemporânea, mas que é altamente representativa nos Estados Unidos e América Latina. A biografia de Ellen White demonstra que mesmo apesar do *modus vivendi* da nova nação, uma separação com o Velho Mundo se mostra muito difícil, senão impossível, mesmo sob o ponto de vista religioso, tão distinto entre os dois continentes.

Enquanto isso, na América do Norte de 1801, tomou posse Thomas Jefferson¹³, o terceiro presidente do jovem país,

¹² De acordo com a própria Ellen White, que afirmou em carta (229, 1903) que: "Em O Desejado de Todas as Nações, Patriarcas e Profetas, O Grande Conflito e Daniel e Apocalipse, há preciosas instruções. Estes livros precisam ser considerados como de especial importância, e todo esforço deve ser feito para os pôr diante do povo".

¹³ Thomas Jefferson tomou posse como terceiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte em 4 de março de 1801, ou seja, precisamente no primeiro semestre do primeiro ano do século XIX.

considerado um dos pais da nação (visto que os dois anteriores tiveram que se deter ainda com questões relativas à guerra), que almejava implementar as ideias republicanas visando, ao mesmo tempo, à igualdade total entre os homens (a igualdade de gêneros ainda deveria esperar mais de um século, pelo menos) em um ambiente idílico composto de muitas pequenas cidades, onde fosse possível viver em harmonia com a natureza, em uma existência modesta, sem luxos, mas sem privações, onde o barulho, as distrações e os problemas das grandes cidades não fossem repetidos na nova nação, incluindo as distintas divisões de classes. Os Estados Unidos da América deveriam nascer sem vícios ou vicissitudes, conduzindo tanto o Novo quanto o Velho Mundo, seguindo os mesmos ideais da Carta de 1776. Ao mesmo tempo, dever-se-iam manter-se firmes às certezas dos favores divinos, ainda que Jefferson, ao menos em teoria, estivesse um tanto longe das concepções cristãs clássicas de sua época, visto que, sendo um deísta, como Voltaire, questionava a ideia de uma revelação divina, ao mesmo tempo em que não discutia a existência de um Deus criador. Novamente, mesmo no centro do poder temporal, o paradoxo era evidente: um deísta conduzia uma nação que se achava imbuída de revelações e premissas que deveriam ser mostradas e implantadas no mundo inteiro! Embora Ellen White absolutamente não fosse adepta do deísmo, ela concordava com os ideais idílicos, que deveriam ser universais. Segundo ela:

A vida nas cidades é falsa e artificial. A intensa paixão de ganhar dinheiro, o redemoinho da agitação e da corrida aos prazeres, a sede de ostentação, de luxo e extravagância, tudo são forças que, no que respeita à maioria da humanidade, desviam o espírito do verdadeiro desígnio da vida. Abrem a porta para milhares de males. Essas coisas exercem sobre a juventude uma força quase irresistível. Uma das mais sutis e perigosas tentações que assaltam as crianças e jovens nas cidades é o amor dos prazeres. Numerosos são os dias feriadados; jogos e corridas de cavalos arrastam milhares, e a onda de satisfação e prazer atrai-os para longe dos simples deveres da vida. O dinheiro que deveria haver sido economizado para melhores fins é desperdiçado em divertimentos. Em razão

de monopólios, sindicatos e greves, as condições da vida nas cidades estão-se tornando cada vez mais difíceis. Sérias aflições encontram-se perante nós; e sair das cidades se tornará uma necessidade para muitas famílias. [White, 1942, p. 364]

Vê-se por essa citação que ela não ajudou a construir uma denominação que sempre esteve em sintonia com os pressupostos nacionais. Embora ela fosse filha de sua própria época e escrevesse muitas vezes de acordo com ela, não concordava com qualquer situação pessoal ou nacional que não conciliasse prioritariamente Deus com os planos cotidianos. Pelos excessos racionalistas condenou a França e pelos excessos materialistas e recreacionais, os Estados Unidos, até mesmo em suas personalidades fundantes, como o também deísta Thomas Paine, cujo famoso panfleto, “Senso Comum”, ajudou a convencer o povo acerca da necessidade da Revolução¹⁴.

2 Diferenças fundamentais entre Estados Unidos e França e a visão holística de Ellen White, em breves e introdutórias linhas

Os Estados Unidos de Jefferson deveriam, em teoria, seguir a ideologia francesa implantada a partir de sua Revolução — sendo a própria Revolução Americana inspirada nos ideólogos franceses — mas sem os pretensos exageros daquela, principalmente sob o viés religioso, que na França se tornara radical. Ao pretender uma sociedade igualitária em cidades idílicas, ele de algum modo se antecipou ao movimento romântico — aparentemente apenas nesse ponto específico, que apenas décadas mais tarde chegaria na América, a partir de nomes como o transcendental Ralph Waldo Emerson, oriundo de suas viagens à Inglaterra, mas que

¹⁴ A esse respeito, vide: White (1930, p. 85). “Tomás Paine desceu ao túmulo, mas suas obras vivem ainda para trazer maldição sobre o mundo, e os que duvidam da veracidade da Palavra de Deus colocarão as produções desse incrédulo nas mãos do jovem e inexperiente, para lhe encher o coração da venenosa atmosfera da dúvida. O espírito de Satanás opera por intermédio de homens ímpios de modo a lhe levarem avante os planos para ruína das almas.”

efetivamente não conseguiria se instaurar naquele país. De acordo com o teólogo alemão-estadunidense Paul Tillich (2010, p. 105):

nunca houve nos Estados Unidos um verdadeiro período romântico. Houve alguma importação da Inglaterra, mas a vida das pessoas mais educadas não recebeu muita influência do romantismo. Em consequência disso, nunca de seu muita importância à imaginação.

O fato de o movimento romântico não atingir plenamente os Estados Unidos, aliado ao seu conhecido pragmatismo nacional, sintetizado posteriormente pela filosofia de John Dewey e, principalmente ao senso americano daquilo que foi chamado “destino manifesto”, o diferenciou tanto da França quanto de todos os países do mundo. O “destino manifesto”, sem dúvida, tem em si um cunho muito mais religioso do que a “missão civilizadora” francesa. Havia uma “grandiosa missão de destino do seu povo [os Estados Unidos], uma tendência para a expansão, sede de terra, sede de poder e novidade, necessidades essas que foram satisfeitas por si mesmas” (Lerner, 1957, p. 886). Os estadunidenses, mais do que os franceses, de acordo com Reinhold Niebuhr (2008, p. 71) “exceto em momentos de aberração não pensamos em nós mesmos como os mestres em potencial, mas como tutores da humanidade em sua peregrinação à perfeição”.

Apesar de todas essas diferenças, Ellen White não era romântica, como visto, e absolutamente não tinha em foco questões nacionalistas, declarando que “distinções nacionais e confessionais [devem] ser postas de lado. Castas e classificações não são reconhecidas por Deus e não devem ser os seus trabalhadores” (White, 1895, p. 2)¹⁵. Dessa forma, não poderia concordar com Renan, conforme Eley (1996, p. 41), que afirmou que:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas, que na verdade são uma só, constituem essa alma ou princípio espiritual. Uma reside no passado, uma no presente. Uma delas

¹⁵ Conforme White (1895).

é a posse comum de um rico legado de lembranças, a outra é consentimento, o desejo de viver junto, a vontade de perpetuar o valor do patrimônio que se tem recebido em uma forma indivisível.

Tampouco, sob o aspecto religioso, concordaria com Michelet (2003, p. 381), que afirmou que a Revolução dera “liberdade aos religiosos” e que ela própria “trazia em si uma religião”. Seus textos privilegiaram todo o ser, fazendo da existência humana uma incessante busca pela educação integral. Escreveu ela (White, 2002, p. 65): “A verdadeira educação envolve treinamento físico, mental e moral, a fim de que todos os poderes devem ser equipados para o melhor desenvolvimento, para fazer o serviço para Deus, e trabalhar para o reerguimento da humanidade” (White, 2002, p. 65). Os clubes de temperança, comuns em sua época, a influenciaram a escrever, a partir de 1863, acerca de um estilo de vida saudável, vegetariano se possível. Em 1903, escreveu sua obra máxima sobre educação, no âmbito das reformas educacionais implementadas desde os anos 30 do século XIX, sob influência de Pestalozzi e outros grandes pensadores da educação. Muitos também foram seus textos sobre a própria educação do corpo, sempre em conexão com a mente, bem como sobre a sempre importante questão dos direitos humanos (White, 1948, p. 180). Ellen White, a despeito de muitas questões políticas nacionalistas, escreveu uma teologia eminentemente prática, preocupada com o Homem em sua relação com Deus, em todos os seus sentidos, fosse ele quem fosse e onde estivesse.

Conclusão

É fato constatável que Ellen White foi influenciada por sua época, tanto por seu país de origem, pelo viés da religião, quanto pela Europa, pelo viés historiográfico, principalmente. Ao se posicionar acerca de assuntos políticos, como o que para ela foi a causa da Revolução Francesa, e ao mesmo tempo tecer críticas aos fundadores de sua própria nação, enquanto utilizou de forma privilegiada a historiografia europeia para abordar um tema escatológico marcadamente estadunidense, ela propôs

interações entre a Europa e os Estados Unidos, ainda que sob o viés religioso.

Visualizou, no século das grandes transformações sociais e históricas, que é impossível ao ser humano se fechar ao conhecimento adquirido, mas que não haveria nenhuma serventia se esse conhecimento fosse desprovido do conhecimento da Bíblia, sua única regra moral e de fé. Para nossos dias conturbados por questões econômicas e sociais, seus escritos servem como alento, focando um outro mundo possível, a partir da união fraternal entre os seres humanos que buscam por um mesmo objetivo: a redenção de tudo aquilo que nos torna menos humanos. Assim, liberdade, igualdade e fraternidade devem ser muito mais do que palavras de ordem, mas o objetivo comum de todo aquele que almeja uma nova realidade.

Referências

BLOOM, Harold. *La religión en los Estados Unidos: el surgimiento de la nación poscristiana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DOUGLASS, Herbert. *Messenger of the Lord: The Prophetic Ministry of Ellen G. White*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1998.

ELEY, Geoff; SUNY, Ronald Grigor. *Becoming National: A Reader*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1996.

HOBSBAWN, Eric John. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1999.

KNIGHT, George. *Ellen Whites World: a fascinating look at the times in which she lived*. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998.

LAND, Gary. [ed.] *The World of Ellen G. White*. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1987.

LERNER, Max. *America as a civilization: life and thought in the United States today*. New York: Simon & Schuster, 1957.

MICHELET, Jules. *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da Federação*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

NIEBUHR, Reinhold. *The Irony of American History*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. 4ª Edição. São Paulo: ASTE, 2010.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: Livro II – Sentimentos e Opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WELTER, Barbara. *The Cult of True Womanhood: 1820-1860*. American Quarterly, vol.8, 1966.

WHITE, Ellen. *Call to Stand Apart*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002.

_____. *Christian Experience and Teachings of Ellen G. White*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1940.

_____. *Messages to Young People*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1930.

_____. *Spiritual Food. The Gospel Herald*. Battle Creek, December 1899, vol.1, n.12, p.103.

_____. *Testimonies for the Church*. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948.

_____. *The Advent Review and Sabbath Herald*. Battle Creek, April 2, 1895.

_____. *The Great Controversy Between Christ and Satan*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1950.

_____. *The Ministry of Healing*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1942.